

**VIANI DA SILVA SOARES
DAVI SILVA DA COSTA**

COLORLIVRO

*Narrativas de Egresses LGBTQIAP+ do
Instituto Federal de Educação Profissional
Baiano – Campus Serrinha*

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO

S676c Soares , Viani da Silva

Colorlivro: narrativas de egresses LGBTQIAP+ do Instituto Federal Baiano. / Viani da Silva Soares, Catu, BA, 2023.

51 f. ; il. Color.

Orientador: Prof. Dr. Davi Silva da Costa

Produto Educacional: Colorlivro: narrativas de egresses LGBTQIAPN+ do Instituto Federal de Educação Profissional Baiano, 2023.

1. Educação Profissional. 2. Diversidade. I. Costa, Davi Silva da. II. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano, campus Catu. III. Título.

CDU 377:316.022.4

Ficha elaborada pelo bibliotecário Carlos Alexandre de Oliveira e Oliveira CRB-5 1499

A Isaac Matos e aos jovens LGBTQIAP+

PREFÁCIO

Eu não consegui ler antes de sentir. Foi como se a materialidade perdesse para o sentir, para o conectar. É quando a emoção ganha da razão. Tudo bem, ainda se trata de um Produto Técnico e Tecnológico, mas antes, se trata de uma manifestação do humano. Enquanto homem negro, gay, urbano-criado, professor e rural-escolhido, ao ver as histórias de pessoas da minha comunidade, também me vejo. Por isso sinto. Por isso, a minha razão é que se curva um pouco e aguarda a sua vez.

Por ser professor-bacharel (utilizo sempre muitos hifens pois tudo em mim se conecta), a educação como escolha e prática realizada no chão da realidade não se confunde com o aparente instrumentalismo da academia-de-formação-docente. Sou docente em formação por necessidade e por prioridade. Porém, neste léxico do aprender a fazer, está o sentir para aprender a fazer. Ao (re)conhecer as pessoas, a educação tem um sentido possível. Eis a conexão que este Produto Técnico e Tecnológico me inspira: a necessidade de compreender pragmaticamente que a educação é feita por pessoas. A imagética humana, portanto, não pode sucumbir à formação do tipo "liquidificador", sim, aquela que transforma coisas diferentes em coisa só (ou nenhuma).

Compreender as biografias e autobriografar, num movimento labiríntico dada pela leitura premente do mundo-da-vida, é o ethos de uma educação feita e voltada à classe que vive do trabalho. Neste grupo social, somos diversos. Essa diversidade, límpida aos olhos de quem deseja e turva à turma do "liquidificador", transparece neste material que de tão didático que é, enevergonha a quem não entende que educar é um ato complexo e imbricado ao humano. Valorizar essa complexidade prescinde a perda da centralidade docente e das categorias que não são construídas pela classe que vive do trabalho. A leitura do mundo e também da palavra está sob nosso poder e tarefa.

Ao acompanhar todo o processo de fabricação deste material, que aliás, é mais longo que o tempo do mestrado explicaria, percebo a nobreza de uma relação de autoria que foi furtacor. Cada cintilar de ideias, emoções, medos e desafios, se misturaram, necessariamente, buscando a harmonia, a escuta, o aprendizado, o respeito, o dever científico e o protagonismo. Qualquer educador/a que colocar os sentimentos e depois os olhos e depois estebelecer diálogo com este material, precisa, necessariamente, refletir sobre suas próprias cores. Cada pessoa possui a escrita de sua existência. Cada pessoa pode se conectar com existências de outras pessoas.

Por fim, o desafio de estimular, onde quer que esteja, uma relação crítico-reflexiva aos processos inerentes à educação da comunidade LGBTQIAP+ é, sintagmaticamente urgente, não só através da mediação de materiais como esses, mas em mediação com pessoas que partilham suas narrativas existenciais e sociais, na escola ou fora dela, vencendo o horror de ter sua vida, seus sonhos, seu futuro e sua felicidade, brutalmente ameaçadas por pessoas que nos odeiam e/ou não nos entendem/aceitam, serem vistas e ouvidas. Este material, neste sentido, é político, é militante. Que bom que essas cores aqui são livres, honestas e fortes. Que possa inspirar a criar conexões em rodas de conversa, em aulas temáticas, em grupos de acolhimento, em espaços de estudos, em todo lugar. Esse material, em toda a sua potência, é um convite a ser humano enquanto agente educador. Esse material é um convite à reflexão a partir de vivências que são invisíveis independentemente se há em quem olha, a miopia social ou o desinteresse pelas diferenças. Esse material é o renascimento de Izaque e de tantas outras pessoas da minha comunidade. Nada poderá ser em vão! Usem sem moderação.

Davi Silva da Costa

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	6
PARA INÍCIO DE CONVERSA	8
[AUTO]BIOGRAFIA 1	12
<i>Cavaleiros do Zodíaco também contam histórias</i>	
[AUTO]BIOGRAFIA 2	17
<i>Vivendo a Interseccionalidade</i>	
[AUTO]BIOGRAFIA 3	23
<i>Sobre o Ato de Ensinar</i>	
[AUTO]BIOGRAFIA 4	28
<i>O Casulo e a Moda Cuir</i>	
[AUTO]BIOGRAFIA 5	33
<i>Diversidade Sexual e Ruralidades</i>	
[AUTO]BIOGRAFIA 6	38
<i>A Força do Empreendedorismo Lésbico</i>	
[AUTO]BIOGRAFIA 7	44
<i>Juventude e a Leveza de Ser</i>	
O IFBaiano	49
<i>O IFBaiano e Suas Contribuições para uma Escola Diversa: algumas reflexões</i>	

APRESENTAÇÃO

Contar a vida de alguém, mesmo que seja uma parte dela, é um exercício difícil, por alguns motivos: a preocupação com a fidelidade e precisão das informações, ao mesmo tempo que se busca traduzir em palavras a riqueza dos elementos da narrativa dos sujeitos. Para isso, é inevitável pensar na realização de entrevistas que busquem captar com profundidade as experiências vividas.

Ao iniciar a pesquisa sobre as vivências de egresses LGBTQIAP+ do IFBaiano-Campus Serrinha, estava amedrontada, pois me preocupava com a melhor forma de captar todo o cenário e atmosfera narrativa dos entrevistados de forma muito legítima. Em se tratando de pessoas pertencentes à comunidade LGBTQIAP+, a apreensão era maior, pois para mim, seria testemunha de relatos de sofrimento pelo preconceito, exclusão, invisibilização e violência de todo o tipo. O que me parecia natural, já que a minha inspiração para o envolvimento com a pesquisa e escrita sobre a comunidade se deve a um evento trágico: o assassinato do jovem filho de uma amiga, por ser homossexual.

Mas para minha surpresa, encontrei jovens que tinham muito a dizer, tanto de suas experiências negativas de violência e exclusão, como de vivências positivamente fortalecedoras. E mais: tudo isso dentro de uma instituição educacional.

Dessa forma, ao final, realizar as entrevistas foi um exercício leve e até divertido, com vivências como andar de mototáxi (tenho pavor de moto!) e de encarar estrada cheia de buracos à noite. Hoje, agradeço a cada buraco ultrapassado.

Entrevistas realizadas, o desafio de transcrevê-las em formato (Auto)biográfico mostrou-se um exercício desafiadoramente criativo. Me lembrava sempre do que Dosse² afirmava sobre relatos biográficos terem caráter híbrido, misto de ficção e realidade. E assim, parti para juntar esses dois âmbitos, resultando na definição de temáticas que traduzissem um pouco do que vi de mais marcante em cada um dos entrevistados.

Com essa definição surgiram os sete relatos que compõem o livro, intitulados: Cavaleiros do zodíaco também contam histórias, Vivendo a Interseccionalidade, Sobre o ato de ensinar..., O casulo e a moda Cuir, Diversidade sexual e Ruralidades, A força do empreendedorismo lésbico, Juventude e a leveza de ser. São textos que procuram sintetizar a essência dos relatos colhidos, das experiências boas, as nem tanto, mas sobretudo captar as lembranças de quando eram estudantes do IFBaiano e como foram vistos pela instituição, por se auto reconhecerem como pessoas LGBTQIAP+.

1 Escrevo assim (Auto)biográfico devido à minha crença de que escrever textos a partir de relatos não é um exercício que faço sozinha. Não estou escrevendo biografias. Minha intenção é de que em cada texto a mão e voz do entrevistado possa estar presente e traduzida. Por isso, não escrevo só, eles participam da escrita comigo.

2 DOSSE, François. **O desafio biográfico**: escrever uma vida. 2. ed., São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

Colorlivro, recebeu esse nome tendo como inspiração o arco-íris, símbolo da comunidade LGBTQIAP+, e é fruto da pesquisa de mestrado em Educação Profissional e Tecnológica, do Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica – PROFEPT, oferta do Instituto Federal de Educação Profissional Baiano – IFBaiano.

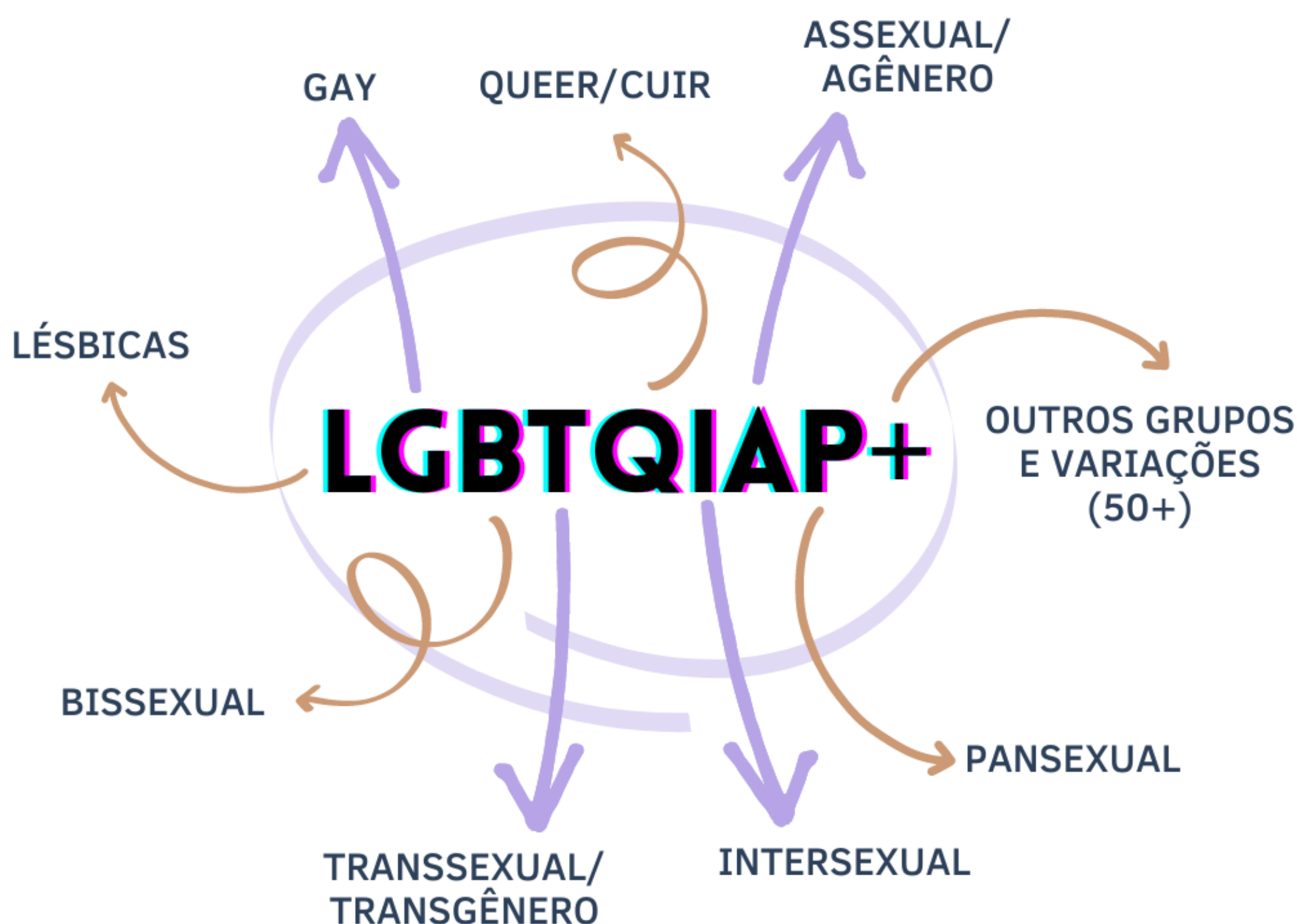
Com essa perspectiva, Colorlivro é um produto educacional, exigência formativa dos mestrados profissionais, que se relaciona com a dissertação intitulada “O sacrifício de Izaque: narrativas dos enfrentamentos de estudantes egressos LGBTQIAP+ na Educação Profissional e Tecnológica de nível médio do território do Sisal/Bahia. Portanto, além de cumprir o objetivo acadêmico, Colorlivro pretende ser uma releitura criativa das narrativas e leitura prazerosa para jovens de todas as orientações sexuais, posto que, tenho a certeza de se enxergarem em algum momento nas situações relatadas: momento de contar para a família, aceitação dos pares, os sentimentos de encontro e desencontro até a assunção, enfim...histórias que se cruzam.

Além das histórias Colorlivro traz indicações de leituras e filmes relacionados às temáticas propostas, sempre com o olhar formativo dos jovens. Escrito por tantas mãos, que o **Colorlivro** possa ser uma contribuição para a ampliação e fortalecimento das pesquisas envolvendo a comunidade, particularmente da juventude LGBTQIAP+, das cidades grandes e pequenas, que por vezes sofrem sem referências que ajudem na assunção de suas identidades. Desejamos boa leitura e muita força no picumã!

Viani da Silva Soares
Davi Silva da Costa

Para início de conversa...

Aqui adotamos a sigla LGBTQIAP+, mesmo sabendo da possibilidade de uso de menos letras ou mais letras na legenda. Reconhecemos que cada uma das letras, muito mais que mero símbolo, representa um avanço na conquista por reconhecimento de cada expressão na comunidade. Em frente...sempre!



A sigla LGBTQIAP+

- **Lésbicas:** Mulheres (cisgênero ou transgênero) que se sentem atraídas afetiva e sexualmente por outras mulheres (também cis ou trans);
- **Gays:** Homens (cisgênero ou transgênero) que se sentem atraídos por outros homens (também cis ou trans);
- **Bissexual:** Pessoas que se relacionam afetiva e sexualmente tanto com pessoas do mesmo gênero, quanto do gênero oposto (sejam essas pessoas cis ou trans);
- **Travestis:** São mulheres trans que preferem ser chamadas dessa maneira por motivos políticos, de resistência, já que este termo está atrelado à marginalização das mulheres trans, que tinham como única alternativa a prostituição como modo de sobrevivência. Muitas mulheres trans se identificam atualmente como travestis justamente para tirar o estigma da palavra;
- **Queer:** Pessoa que não se encaixe na heterocisnormatividade, ou seja, que não se identifica com o padrão binário de gênero, tampouco se sente contemplada com outra letra da sigla referente a orientação sexual, pois entendem que estes rótulos podem restringir a amplitude e a vivência da sexualidade;
- **Intersexo:** Pessoa que nasce com características físicas, genéticas ou hormonais que não se enquadram nas definições biológicas típicas de masculino (cromossomo XY) ou feminino (cromossomo XX);
- **Assexuados:** Alguém que não é sexualmente atraído por ninguém.
- **Pansexuais:** Sentem atração sexual, romântica ou emocional em relação às pessoas, independentemente de seu sexo ou identidade de gênero. Para elas o gênero e sexo não são fatores determinantes em sua atração sexual ou romântica por outros;
- **+ (mais):** Abrangem as demais possibilidades da bandeira e a pluralidade de orientações sexuais e variações de gênero, além dos simpatizantes.

A colorida história do orgulho LGBTQ

Stonewall, onde tudo começou:

Foi em 28 junho de 1969, a comunidade LGBT defendeu seus direitos quando a polícia invadiu o Stonewall Inn em Nova York. O movimento realizou diversas manifestações. Abriu o caminho para as celebrações do mês do Orgulho LGBTQ em junho.

A primeira Parada do Orgulho LGBTQ.

Liderado e organizado por ativistas, incluindo Brenda Howard, a Mãe do Orgulho LGBTQ. Ficou conhecido como O Dia da Libertação Gay da Rua Christopher, aconteceu em 1970.

As cores da bandeira:

Gilbert Baker em 1978, criou a bandeira, incluía cores como rosa para sexualidade, vermelho para vida, laranja para cura, amarelo para luz do sol, verde para natureza, turquesa para arte, anil para harmonia e violeta para espírito.

Eventos LGBTQIA+ anuais

Datas importantes para os direitos LGBTQIA+: Mês da História LGBT, o Dia Internacional da Visibilidade Transgênero, o Dia de Sair do Armário e muito mais!

PERSONAGENS DO COLORLIVRO

Ikaro



Simon



Pablo



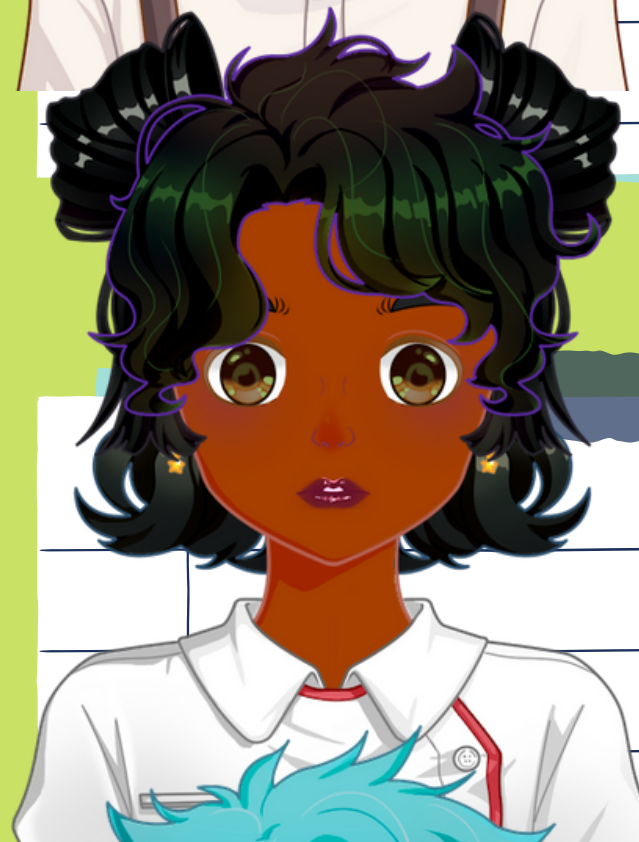
Glória



Jean



Nanda

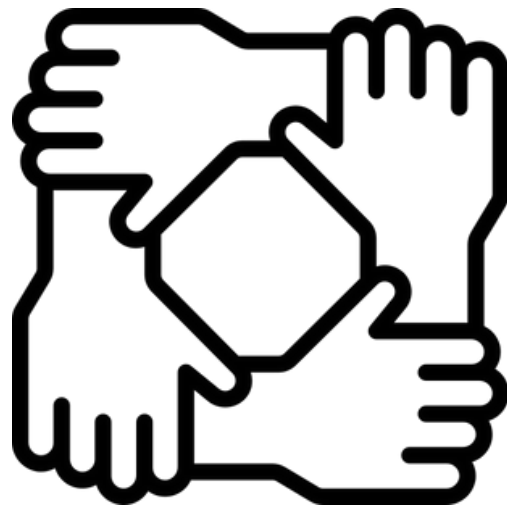


Cássia



Alan





(AUTO)BIOGRAFIA 1

Cavaleiros do Zodíaco também contam histórias

Na série **Cavaleiros do Zodíaco**, guerreiros místicos vestidos de armaduras sagradas inspiradas nas constelações do zodíaco lutam para defender a reencarnação da deusa Athena contra as investidas dos outros deuses do Olimpo. Entre os jovens guerreiros havia o Cavaleiro de Andrômeda, cabelos verdes, aparência frágil, beleza natural, personalidade pacífica, mas com armas e golpes mortais - Corrente Nebulosa e Tempestade Nebulosa. Seu irmão mais velho - Ikki de Fênix, o cavaleiro de bronze mais forte de todos, lhe protegia dos perigos.

Quando apareceu na sala para entrevista, logo pensei: a personificação do Cavaleiro de Andrômeda. Misto de fragilidade, alegria jovial, estética própria e leveza (ah, esqueci de dizer que o elemento de Andrômeda é o vento). No entanto, não se engane!

Vindo de uma cidade pequena, fala de sua infância: traumática, por jeito de ser considerado efeminado ou como diziam os mais velhos de sua comunidade – “abaitolado”, expressão utilizada para falar de indivíduos com trejeitos efeminados.

O ensino da primeira infância, reconhece que era superficial e sempre teve vontade de expandir. Perdeu o ano na quarta série, por uma questão de necessidade, pois sua mãe ganhou neném e não tinha com quem deixar a irmã. Não contava com a família. Era somente ele e ela! Mas isso não era narrado com tristeza. Ao contrário, acontecimentos assim serviram para torná-lo mais responsável, mesmo com pouca idade. Sua mãe sempre foi pai e mãe.

Hoje ela trabalha como agente de limpeza em uma escola da rede estadual de ensino, mas já chegou a trabalhar em quatro casas de família, duas de manhã e duas à tarde. Ela era o alicerce e responsável pelo que ele é hoje.

Em 2016, sofreu uma experiência traumática de **abuso sexual** na escola. A gestão sabia, mas não tomou as providências necessárias. Sentiu-se negligenciado, não sabia se por conta de seu jeito de ser ou por conta do seu poder aquisitivo. Sabia que tinha direitos!

1 **Cavaleiros do Zodíaco**: É uma série japonesa de mangá, adaptada para anime entre 1986 e 1989. Nela os Cavaleiros de Atenas trajam armaduras protegidas pelas constelações, para proteger e servir a Deusa Atena. O nascimento de uma nova Atena, Saori Kido, leva os Cavaleiros a travar intensas lutas para protegê-la.

2 **Abuso sexual na escola**. Ver: EBLE, L.J. Violência sexual no ambiente escolar [online]. SciELO em Perspectiva | Press Releases, 2018.

Quando ainda estava na escola, uma amiga falou sobre o IFBaiano que estava chegando em Serrinha, fez a maior propaganda. Ele pensou – Não tenho nada a perder! Mas ficou com receio de falar com as pessoas e principalmente com sua mãe, pois se fosse aprovado, não teriam como arcar com o transporte. Mas um cavaleiro de Bronze não foge à luta!

Os poucos que souberam, disseram que ele não tinha potência para passar, não conseguiria ingressar e se ingressasse, não conseguiria concluir. Orou a Deus! A fé, por sinal, assume lugar fundamental em sua vida. Atualmente se define como católico, mas já frequentou alguns terreiros de umbanda, mistura comum para uma família que tem vidente, cigano, umbandista e por aí vai...

Mas voltando para a seleção, o resultado saiu no dia 27 de janeiro de 2017, dia do aniversário de sua mãe. No início nem queria olhar, inseguro. Quando resolveu olhar: ficou na 10ª colocação, no curso de **Agroecologia**. Tinha início a saga de três anos que não foram fáceis. Muita ralação!

Agroecologia

O curso forma técnicos habilitados a atuar em sistemas de produção agropecuária e extrativista fundamentados em princípios agroecológicos e técnicas de sistemas orgânicos de produção. O técnico em Agroecologia desenvolve ações integradas, unindo a preservação e conservação de recursos naturais à sustentabilidade social e econômica dos sistemas produtivos. Atua na conservação do solo e da água. Auxilia ações integradas de agricultura familiar, considerando a sustentabilidade da pequena propriedade e os sistemas produtivos.

FONTE: <https://ifbaiano.edu.br/portal/curso-tecnico-em-agroecologia/>

A prefeitura assegurava o transporte da volta, mas a ida para o IF ficou por conta da família. Mãe e filho seguiam juntos para fazer faxina e levantar o dinheiro do transporte. Juntava os trocados. Teve que abrir mão de várias coisas, próprias de sua idade: festas, roupa, celular, mas tudo valia pena para poder focar no IF.

A mãe sempre ao lado, ajudou a segurar os maiores perrengues. Ela dizia sempre, na sabedoria peculiar das mães sábias: “É uma fase, um momento...é três anos, não é a vida toda, daqui uns dias você vai estar formado!! Sua mãe era seu porto seguro. Seu universo gira em torno dela!

Sobre o tempo do curso, guarda boas lembranças das pessoas cativadas. Alguns professores, colegas e as horas de almoço são do coração. O segundo ano do curso foi puxado. Não só para ele, mas para outros colegas também...alguns casos de **automutilação**.

Mas também lembra de umas criaturas que nem tanto: professores que após assumirem cargo de gestão no IF, o poder subia para cabeça! Obviamente que nem tudo são flores. Lembra de um professor que, apesar de se dizer apoiador da comunidade, sutilmente dizia piadas homofóbicas, no início nem percebia o grau do preconceito,

1. **Automutilação.** Ver: FLORES, Laiza Spode. Automutilação e suicídio: acolhimento e escuta no processo de prevenção e promoção da saúde com adolescentes.

pois pareciam brincadeiras, mas hoje reconhece o quanto eram maldosas e maltratantes. Na época não conseguia enxergar a maldade. Mas graças a Deus, a pessoa não está mais no IF e nunca mais teve contato com a tal pessoa.

Mas desse período ficou a experiência e veio mais fortalecimento. Acreditar no seu potencial, saber opinar e posicionar-se frente às coisas. O IF lhe deu isso, mas principalmente lhe deu acolhimento. Até os funcionários eram legais, a moça da Biblioteca, então... virou amiga e confidente, a pessoa para quem ele ligava até de madrugada, um ombro amigo. O IF era um lugar de proteção, que lhe ajudou a perder o medo de se mostrar, a sobreviver aos olhares tortos e caras de rejeição.

Lá aprendeu, se descobriu e se permitiu ser. Venceu aquele tabu de cidade pequena que gostar de outro homem era uma coisa errada. Participou de vários eventos que proporcionaram o convívio com outras pessoas da comunidade LGBTQIAP+, que tinham coragem de se assumir e isso foi dando coragem para dar a cara a tapa. O IF trabalha muito a questão do gênero, a percepção de que você pode ser quem é, sem ninguém criticar.


Depois de sair do IF não trabalhou na área. Hoje trabalha no hospital da cidade em que mora. Atua como gestor administrativo e dá suporte às técnicas de enfermagem. É respeitado por médicos e demais funcionários. Por vezes acha até estranho! Algumas vezes, um ou outro faz uma piada ou tece uma fala preconceituosa, mas hoje se posiciona com elegância, não se permite ficar calado.

Foi estudar. Atualmente cursa enfermagem e pedagogia. Acredita que os homossexuais precisam ganhar mais espaço, sobretudo na educação. Ainda acha que existe a centralização nichos profissional, quase um tabu: moda, maquiagem, cabeleireiro, dança. O mercado de trabalho ainda busca o **homossexual normativo**: musculoso, com voz de homem, barba. No trabalho ainda tem muito a questão do ocultamento e muitos homossexuais se calam. Para as pessoas de cidade pequena, romper esse paradigma é bastante difícil.

Neste sentido, o IF pode atuar mais. Já trabalha muito a questão de gênero, mas pode ampliar os espaços de discussão. Tem muitos alunos com receio de se assumir, são, mas não querem que ninguém saiba. É preciso lutar. Quebrar e amassar o preconceito! E para os que têm preconceito com os homossexuais – Tempestade Nebulosa neles.

Me aceita Brasil!

1. Homossexual normativo. Ver: Percepções do homossexual masculino: sociedade, família e amizades. Crístofer Batista da Costa; Mariana Rodrigues Machado; Márcia Fortes Wagner.



Eu acho que a maioria das pessoas dão essas piadas para tentar entender uma coisa que não tem entendimento! Se a pessoa nasce assim...

Acho que ninguém escolhe ser homossexual, ninguém escolhe sofrer, ninguém escolhe tá numa fila do banco e tá recebendo uma piada, tá numa igreja e tá recebendo essas coisas!

Ninguém escolhe sofrer..foi que falei com minha psicóloga, se pra ser homossexual é sofrer, eu prefiro não ser!

Então assim, é muito difícil se aceitar, estar feliz consigo mesmo, ver a fala do outro, olhar torto, fazer uma piadinha, mas, não vai esmorecer!



(AUTO)BIOGRAFIA 1

INDICAÇÕES TEMÁTICAS



Filmes interessantes...

X □ -

- Os Cavaleiros do Zodíaco: A Lenda do Santuário (2014)
- Todos estão falando sobre Jaime (2021)

< [] >

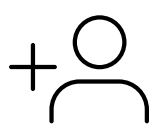


Para se divertir....

X □ -

- Festival da Cultura Japonesa de Salvador (normalmente acontece no mês de agosto de cada ano)

< [] >



Para seguir...

X □ -

- @cavaleirosdozodicaoficial
- @maespeladiversidade

< [] >



Para leitura..

X □ -

- Nem todos os meninos são azuis. George M Johnson
- Shun de Andrômeda e as correntes das masculinidades: gênero, jornalismo de cultura pop e construção de sentidos em redes digitais Andromeda. MACHADO, Felipe Viero Kolinski. GONZATTI, Christian.

< [] >



(AUTO)BIOGRAFIA 2

Vivendo a Interseccionalidade

O menino chega e a surpresa é inevitável – de menino, apenas o sorriso! Andar seguro, uma malemolência pessoal, cabelos revoltos, que marcam bem sua personalidade forte, forjada na luta por assumir seu espaço. Arrebatador, não é possível que ele passe despercebido por onde vá!

Negro, gay e adepto de religião de matriz africana. Conheceu o curso técnico atuando em movimentos sociais de políticas raciais e juventude. Acabara de ser iniciado no candomblé e largado a escola no último ano do Ensino Médio, pois sua relação com os colegas de classe estava bastante difícil – era uma turma eminentemente cristã. Tudo estava meio confuso e difícil!

Antes do processo seletivo para o Instituto Federal, uma preocupação: **como é que frequentaria a escola vestindo branco nas sextas-feiras?** Sim, porque para quem é do Axé, sexta-feira é dia sagrado e se usa branco. Considerando essa questão, procurou o Diretor Acadêmico, olhou-o de alto a baixo e perguntou:

- Oh, professor, se eu fizer matrícula aqui, eu vou poder usar branco na sexta-feira? É que eu fiz Santo tem pouco tempo e eu estou de preceito.

O Diretor Acadêmico foi tomado de assalto. Olhou aquele rapaz decidido que perguntava algo que ninguém nunca tinha cogitado lhe perguntar antes. Refeito do susto inicial, observou que o pretense estudante lhe olhava ávido por uma resposta.

- Enquanto eu for Diretor Acadêmico, o branco na sexta permanece. Fique tranquilo!

Toda Sexta-Feira - Bellô Veloso

Toda sexta-feira toda roupa é branca
Toda pele é preta
Todo mundo canta
Todo céu magenta
Toda sexta-feira todo canto é santo

E toda conta
Toda gota
Toda onda
Toda moça
Toda renda

Toda sexta-feira
Todo o mundo é baiano
junto



FONTE: <https://www.vagalume.com.br/belo-veloso/toda-sexta-feira.html>

Ah, que momento feliz! Sério...pensou ele. Uma escola que vai me aceitar de branco? Só vendo para crer. No entanto, ouvir aquela frase lhe encheu de coragem e alegria. Assim motivado, fez a inscrição e foi aprovado em um curso estrategicamente escolhido no turno noturno, já que precisava trabalhar durante o dia. Dilema dos estudantes trabalhadores, que escolhem ou são escolhidos pela Educação de Jovens e Adultos (EJA)³.

O curso escolhido foi agroindústria. Mas por que Agroindústria? Resposta simples: ele via uma estreita relação entre o curso e a cozinha...sim, a cozinha! E essa relação se estabelecia por diversos fatores: o primeiro, ele era um taurino. Isso mesmo! E para quem minimamente acompanha o horóscopo, bem sabe a gula voraz de todo bom taurino.

O segundo motivo: ele sempre gostou da cozinha. O curso falava sobre alimentação, produção de comida. Para um candomblecista como ele a comida tem um significado importante, pois como bom Filho de Santo também reconhecia a importância de uma comida de azeite, carregada de energia, cheia de Axé. Dito isso, lembrei do filme “Como água para Chocolate” e os encantos da cozinha de Tita. Comida feita de encantos, que desperta sensações e promove experiências.

A cozinha sempre esteve presente em sua vida. De família matriarcal, as vivências na cozinha de casa em companhia da avó e da mãe eram frequentes. Visualizava a força dessas mulheres: sua avó, mãe e irmã. Três gerações de mulheres fortes. Ao falar delas, confessa: “Essas são minhas referências, assim no mundo, na vida”.

Por outro lado, sobre o pai, pouca coisa.... Filho de mãe solteira! Certa feita, conseguiu o contato dele, chegou a falar umas duas vezes, mas não se fez presente na infância, agora na idade adulta não fazia tanta diferença.

De família pobre e periférica, sua avó sempre dizia: Meu filho, você pode fazer tudo, mas não deixe de estudar. Avó, figura central na família, tinha muita cautela com os netos, muito mais que com os filhos, pois estes tiveram que trabalhar para o sustento de todos. Foram sete ao todo e os filhos mais velhos tiveram que trabalhar para sustentar os mais novos. Já para os netos o conselho sempre era: Estude...continue estudando! Como neto obediente, claro que seguiu o conselho da avó.

As raízes familiares foram essenciais para seu desenvolvimento no curso de Agroindústria. Entrou na primeira turma do curso e o grupo, como um todo, criou um laço forte, estabelecendo uma relação de irmandade. Sobre esse tempo as lembranças são inúmeras: o contato com os primeiros professores, os embates institucionais sobre o tratamento diferenciado entre turmas do noturno e diurno e das aulas que ajudaram na construção de seu pensar social mais amplo.

A virada de chave veio quando em certa disciplina a professora começou a discutir a relação do alimento numa perspectiva sociológica. Estabelecer essa relação não foi difícil. Em verdade, cursava a EJA e nessa modalidade os estudantes já chegam com vivências e bagagens próprias. Para ele e seus colegas, a escola precisava ter significado.

A partir daí veio a participação no movimento estudantil, pois já atuava em movimentos sociais fora da escola, então veio a vice-presidência do grêmio. Debatia de tudo no grêmio e a questão da **interseccionalidade** se tornou muito forte. Além do grêmio, a convivência com alguns professores foi fundamental para a expansão do olhar sobre as questões raciais e de gênero.

Interseccionalidade

“A interseccionalidade é sobre a identidade da qual participa o racismo interceptado por outras estruturas. Trata-se de experiência racializada, de modo a requerer sairmos das caixinhas particulares que obstaculizam as lutas de modo global e vão servir às diretrizes heterogêneas do Ocidente, dando lugar à solidão política da mulher negra, pois que são grupos marcados pela sobreposição dinâmica identitária. É imprescindível, insisto, utilizar analiticamente todos os sentidos para compreendermos as mulheres negras e “mulheres de cor” na diversidade de gênero, sexualidade, classe, geografias corporificadas e marcações subjetivas.” (AKOTIRENE, 2019, p.29)

AKOTIRENE, Carla. Interseccionalidade. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen. 2019. (Feminismos Plurais / coordenação de Djamila Ribeiro)

Com o passar dos anos foram chegando mais professores, que ajudaram a perceber a narrativa que a sociedade dá para a comunidade LGBT. Conseguiu perceber que seu destino não era apenas aquele de ser maquiador, manicure, trabalhar com estética. Nada contra essas profissões! Mas, de acordo com seus interesses, percebia que poderia, por exemplo, ser um professor do IF no futuro. O IF não era um lugar de distanciamento, mas um lugar de colheita!

Reconhece que para sua turma esse processo de discussão era mais engajado, mas existiam os estudantes do Médio Integrado que chegavam com treze, quatorze anos descobrindo esse lugar da sexualidade. Por isso, reconhece a importância dos **Núcleos representativos do IFBaiano**. Além disso, outro caminho são os projetos de extensão. Existem alunos que já chegam no primeiro ano e fazem projeto de extensão e pesquisa de campo. Ajudar a ver que os alunos podem mais, pesquisar, melhorar seu lugar de sociabilidade.

Se ao longo do curso se registra o acolhimento e o fortalecimento de sua identidade diversa, no futuro alguns desafios são percebidos. Hoje fazendo graduação em Ciências Sociais, percebe as oportunidades para a comunidade LGBT como um lugar complicado, pois as pessoas não conseguem compreender de fato o que é ser LGBT.

Se ao longo do curso registrou o acolhimento e fortalecimento de sua identidade diversa, no futuro alguns desafios são percebidos. Hoje fazendo graduação em Ciências Sociais, percebe as oportunidades para a comunidade LGBT como um lugar complicado, pois as pessoas não conseguem compreender de fato o que é ser LGBT.

NEAB


Núcleo de Assessoramento de natureza propositiva, consultiva e deliberativa no tocante às questões da diversidade na perspectiva dos princípios multiculturais, tendo como escopo o fomento a estudos das questões etnicorraciais e o desenvolvimento de ações de valorização das identidades afro e indígena.



GENI

Núcleo de Estudos de Gênero e Sexualidade do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano é um núcleo propositivo e consultivo que estimula e promove ações de Ensino, Pesquisa e Extensão orientadas à temática da educação para a diversidade de gênero e sexualidade.

Contudo, hoje se sente mais forte e mais dono de si, ciente de quê o que estudou e pesquisou no IF é reflexo do que vivia no terreiro e na vida. Assim, lembra do conselho de sua avó e segue estudando e estudando, até chegar ao pós-doutorado. Com as bençãos dos Orixás. Oxalá!



A gente é só aquela bicha que balança o rabo, ou aquele sapatão que está na esquina fumando cigarro, ou travesti ou transexual que tá ali para fazer programa, sabe?

A sociedade não consegue nos entender enquanto profissionais de qualquer área. (...) A gente consegue perceber que nós estamos entrando no processo, mas isso é muito recente, sabe?

O mundo do trabalho não dá conta de receber a gente e acima de tudo respeitar essas identidades.

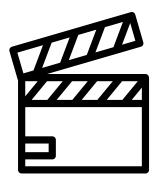
Eu preciso ser LGBT e cabeleireiro. Não desmerecendo quem é cabeleireiro ou quem faz unha, ou quem faz serviço de beleza, mas criaram esse padrão de que essa população, só pode isso!

Essa questão de não compreender essas questões profissionais, mas também de achar que a gente só deve estar associados aos temas LGBT, por exemplo: eu não posso ser LGBT e pesquisadora.



(AUTO)BIOGRAFIA 2

INDICAÇÕES TEMÁTICAS



Filmes interessantes...

X □ -

- STONEWALL: ONDE O ORGULHO COMEÇOU (2015)
- A MORTE E A VIDA DE MARSHA P. JOHNSON (2017)

< >

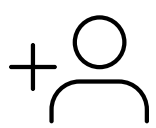


Para se divertir....

X □ -

- Maratonar as séries Pose (Star+)

< >



Para seguir...

X □ -

- @ruthvenceremos
- @duda_salabert
- @hilton_erika
- @Deboche astral

< >

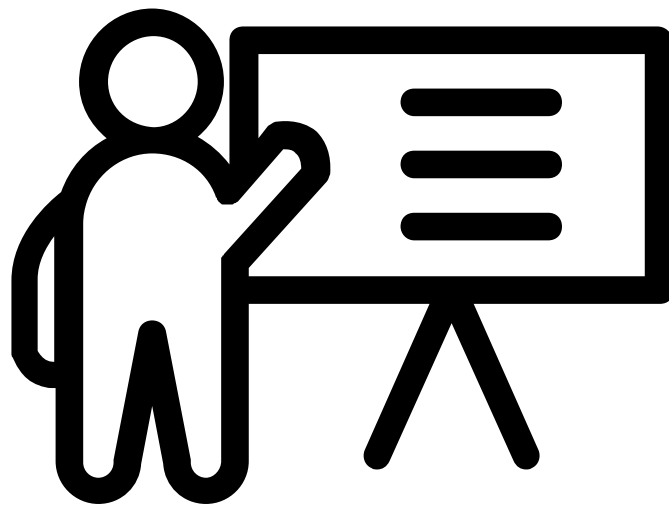


Para leitura..

X □ -

- Revista Cor LGBTQIA+
- Bichas Brasileiras: A história de 30 ícones LGBTQIA+ - Patrick Casimiro

< >



(AUTO)BIOGRAFIA 3

Sobre o ato de ensinar

Guacira Lopes Louro, em seu livro: *Gênero, sexualidade e educação* (2014) chama a atenção para os currículos, linguagens, material didático, normas escolares enquanto (re)produtores de diferenças de gênero, sexualidade, etnia e classe. São constituídos e constituem tais diferenças! Reconhecendo isso, é fundamental questionar o que ensinamos, como ensinamos e os sentidos daquilo que é ensinado assume na vida dos estudantes. Pensando nisso e na importância que a educação assumiu na vida do entrevistado, que começo sua história.

Sua infância foi meio que “roubada”, porque desde novinho já tinha aquele preconceito em relação a sua homossexualidade, mesmo meus pais, no caso, o pai sempre foi uma pessoa preconceituosa nunca entendeu, até hoje não entende. Já a mãe sempre compreendeu melhor. que ele. Desde novinho tinha os trejeitos, mas a mãe sempre lhe cercou de afeto. Mesmo que entrasse em casa vestindo roupas femininas, ela compreende.

Na idade que está ainda não se sente bem compreendido como homossexual, há todo um processo, pois ainda mora em Serrinha. Há toda uma gama de enfrentamentos devido à sua orientação sexual.

As pessoas acham que escolheu ser homossexual, mas na verdade, não. Não escolheu ser homossexual, sempre achou que a homossexualidade veio com ele. Não sabia como. De repente, na família de sua mãe, tinha outros homossexuais, vai ver tinha alguma relação genética. Mas, o mais importante ser feliz!

No IF cursou Agroindústria, curso integrado à Educação de Jovens e Adultos (EJA). Seu percurso educacional também foi permeado pelo preconceito. Por vezes usava roupas femininas e os olhares eram inevitáveis, particularmente de pessoas evangélicas, que achavam estranho, repreendiam, mas sempre manteve a postura.

Tentou alguns cursos técnicos, mas não se via como técnico em informática ou em logística. Então um amigo lhe disse que o IFBaiano estava chegando em Serrinha e havia oferta do curso de Agroindústria. Fez a seleção, foi aprovado e gostou da experiência! Mexer na terra não era seu forte, mas conseguiu se adaptar.

Quando chegou no segundo ano, estudando os componentes de análise de alimentos, tecnologia, produtos de origem vegetal, de origem animal, se sentiu envolvido pelo curso. Costuma dizer que um técnico em agroindústria tem uma sensibilidade em relação a vegetação e a terra.

Agroindústria

O curso forma técnicos aptos a operacionalizar o processamento de alimentos nas áreas de laticínios, carnes, beneficiamento de grãos, cereais, bebidas, frutas e hortaliças. O técnico em Agroindústria auxilia e atua na elaboração, aplicação e avaliação de programas preventivos, de higienização e sanitização da produção agroindustrial; atua em sistemas para diminuição do impacto ambiental dos processos de produção agroindustrial; acompanha o programa de manutenção de equipamentos na agroindústria; implementa e gerencia sistemas de controle de qualidade; identifica e aplica técnicas mercadológicas para distribuição e comercialização de produtos.

FONTE: <https://ifbaiano.edu.br/portal/curso-tecnico-em-agroindustria/>



Entrar no IFBaiano ajudou a mudar o olhar que sua família tinha sobre ele. Seus pais aceitaram a questão de estudar. A mãe ficou empolgada: “Ah, meu filho vai estudar no técnico”. Quando ele começou a fazer estágio numa panificadora próxima, ela ficou feliz, pois achava bonito usar o jaleco com o nome “Técnico em agroindústria”. Perguntava coisas do curso e onde ele iria trabalhar. Ficava muito feliz pelo incentivo dos colegas e até de professores. Um deles, o professor de Língua Portuguesa chegou a ir em sua casa e sua mãe ficou muito animada por ele estudar.

Do curso, tem como boa lembrança o contato com pessoas surdas. Na turma tinha dois estudantes surdos, que estudavam juntos com a turma e foi preciso todo um processo de adaptação.


A experiência no IF foi maravilhosa. Particularmente, alguns professores tinham a habilidade de abraçar os homossexuais dentro do campus, com muita afetividade. Quanto aos componentes estudados, o de língua portuguesa e de língua espanhola, foram muito significativos, pois o professor procurava trazer conteúdos culturais. Em relação à diversidade o IF sempre abraçou, não tinha a questão de diferenças. Tínhamos colegas lésbicas, além dos gays e todos nós éramos respeitados.

Por vezes, um olhar diferenciado e outro, algumas pessoas se tornavam mais fechadas no tratamento, mas nada que abalasse! Importante também foi o apoio e a assistência psicológica, porque na época ele desenvolveu um processo de ansiedade. Ter passado pelo IF proporcionou uma educação que não tinha acesso antes isso o impulsionou a ir além.

Quanto à atuação na área do curso realizado, ele não chegou a trabalhar como técnico de agroindústria, apenas teve estágios. Sobre trabalho para pessoas da comunidade LGBTQIAP+, não considera que seja difícil conseguir emprego, mas acha fundamental que estudem. “Facilita para ele, quando ele estuda. Porque daí a aceitação é mais alta”. Claro que conta muito a questão do comportamento, cidade pequena. Mas o curso de agroindústria lhe deu régua e compasso. Não houve necessidade de trabalhar como técnico de agroindústria, porque logo após a conclusão do curso eu prestou vestibular e foi aprovado. Hoje é graduando em Pedagogia, pela Universidade.

Estado da Bahia – UNEB, Campus 11. Com pouco tempo, começou a trabalhar em sala de aula, fazendo estágios em Pedagogia.

Hoje já está na metade do curso, mas a luta é grande. Dá reforço para estudantes da comunidade e vivencia a sala de aula. E é essa experiência que não lhe permite desistir da graduação, mesmo reconhecendo a dureza de ter que estudar e trabalhar. Mas é a experiência em sala de aula que o mantém dentro da universidade cada vez mais.



Planos futuros? Ensinar e ensinar...estar em uma graduação como Pedagogia, é ter amor.

Você olhar para uma sala de aula e ver pessoas esperando você ensinar a ler, escreve, isso gera um amor, amor fraterno.

Quero ver os estudantes transformados, para depois quando eu passar, eles dizerem: olha aprendi a ler com aquele professor ali, isso daí é o que me mantém.



(AUTO)BIOGRAFIA 3
INDICAÇÕES TEMÁTICAS



Filmes interessantes...

X □ -

- MENINOS NÃO CHORAM (1999)
- BICHAS, O DOCUMENTÁRIO (2016)

< [] >

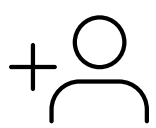


Para se divertir....

X □ -

- Concurso de Fantasia LGBT.
- Concurso Rainha do Carnaval LGBT de Salvador, idealizado pelo Grupo Gay da Bahia.

< [] >



Para seguir...

X □ -

- @rita_von_hunty
- @ikarokadoshi
- @ritadlibra

< [] >



Para leitura..

X □ -

- Livros de Paulo Freire: todos...

< [] >



(AUTO)BIOGRAFIA 4

O casulo e a moda Guir

Gabriele Chanel revolucionou a moda feminina no início do século XX, ditando novos parâmetros para as mulheres, como a simplicidade, elegância e conforto, algo extremamente revolucionário para uma época na qual as mulheres se empetecavam com chapéus e saias com babados exagerados.

Ao adentrar, pensei: Nossa, que moça elegante! Não apenas pelo que veste, mas daquela elegância natural, de gente que sabe chegar e sair de modo refinado em qualquer lugar. Cabelos curtos, corte bem moderninho. Sua elegância é traduzida também no jeito calmo, quase tímido, de falar. De fato, uma energia meio Chanel com Clarice Lispector. Se autorreconhece como pessoa bissexual. Não se vê como transsexual, mas sua namorada, sim! Enfim, sexualidade não está no órgão.

Cursou agroecologia, muito influenciada pela família, com o intuito de orientar seu pai, que tem uma roça. No final acabou gostando, percebendo que o curso poderia ser muito positivo para ela e para a família. Assim, recebeu o apoio necessário para realizar os estudos no IF.

Algumas dificuldades foram encontradas nas aulas práticas, pois rolava uns “pavorzinho de lagartos”. Só a m-i-s-e-r-i-c-ó-r-d-i-aaaa! Mas as vivências práticas foram importantes e momentos de verdadeira aprendizagem. Pôde aprender mais do mundo, da natureza, porque o mundo da ecologia vai muito além do que só plantas. Isso fortaleceu também a relação com o pai, porque ele também se interessou muito e começou a buscar e perguntar coisas, para aplicar na roça e que foram muito úteis.

Apesar dessa experiência, hoje ela não trabalha com agroecologia e sim contabilidade. Não foi bem uma opção, apenas uma oportunidade, pois sua madrinha conseguiu um emprego em uma empresa, entrou sem saber nada e aí foi aprendendo. Isso já tem dois anos. Tentou o ENEM, mas não passou. Buscou cursos em Salvador, só que não tinha como pagar. Então, espera o ENEM novamente para ver se consegue entrar na faculdade, no curso de Agronomia.

Sobre sua orientação sexual o IF teve um papel importante. Lá sempre foi muito aberto em relação a diversidade, inclusivo, diferente dos colégios em que estudou

anteriormente. Nas escolas anteriores o preconceito era “surreal”. O IF era um lugar acolhedor e tudo, que às vezes não tem na família, mas lá tem.

Antes de chegar ao IF tinha “uma pulga atrás da orelha” sobre sua orientação sexual. Desde muito cedo! No entanto, ela era muito fechada e a família preconceituosa, não se abria. Foi entender o fio da meada de 2017 em diante e se assumir mesmo, descobrir, ter experiências só em 2020, na pandemia. E foi bem difícil. Quando contou para os pais, as pessoas mais importantes para ela, foi o maior alvoroço. Sua mãe dizia que ela nasceu para matar, que desde pequena, nasceu para matar. Sua avó, ligou chorando, pedindo para não matar a filha dela. Meu Deus, isso porque ela falou que era bissexual. Aí foi bem difícil! No dia ela não dormiu em casa, ameaçaram queimar suas coisas.

Hoje em dia, a convivência é mais tranquila, são sete anos de luta. Acredita que a ideia ainda não entrou na cabeça deles, principalmente porque ela namora uma pessoa trans, aí rola algumas dificuldades de aceitação: trata como “ele” aí precisa explicar “mãe, não é ele. É ela”. Aí ela responde: “não, só vou chamar de ela quando fizer a cirurgia e mudar o nome no cartório”.

O maior apoio da família vem dos irmãos. Eles brigam por ela e sua namorada. Um tem 14 anos e o outro tem 18. São sua rede de apoio, seus parceiros. O irmão mais novo, já entrou em uma briga com o pai, porque começou a chamar a namorada dela de “ele” e não “ela” e dizer que estava influenciando, que não era pra ele andar junto. O irmão resistiu. Eles são um diferencial na família!

Apesar de não ter muito contato hoje com o IFBaiano, guarda muitas lembranças e acha que melhorou muito. Na época em que estudava lá, os estudantes tinham que correr atrás de tudo: uniforme para educação física, da horta e até do galinheiro. Hoje tem quadra, que foi feita logo depois que saiu de lá. No IF nunca presenciou situação de constrangimento ou preconceito. Sua turma era muito unida. Sentia falta de projetos voltados para a discussão LGBTQIAP+, no entanto o sentimento de pertencimento a uma comunidade era forte.

No seu trabalho atual nunca sentiu atitude preconceituosa. Mesmo porque nunca falou para as pessoas. Acha que as empresas ainda têm dificuldade e receio de contratar. Conversando com uma colega de trabalho, ouviu que em todos os empregos que ela entrava e descobriam que ela era lésbica, logo depois era demitida. No escritório em que trabalha, tentou conseguir um emprego para a namorada, mas quando falou que ela era uma mulher trans, o discurso logo foi: - “Ah não está contratando, não tô contratando agora.” Mas depois tinha contratado. Entende? Sente que tem muito preconceito ainda, aí fica pensando, porque muitas trans, travestis se prostituem. Porque não tem a oportunidade de emprego.

Percebe que o preconceito também está na comunidade. No escritório em que trabalho já viu cliente gay comentando sobre outro cliente gay que é mais afeminado: “Ah, merece apanhar mesmo. Porque não precisa ser gay e se mostrar assim”. Acha isso um absurdo, mas não entra em discussão, porque tem medo de ser demitida,

porque ela estava usando o banheiro feminino. A preocupação é grande, pois precisa do emprego. A transfobia que até então não existia no ambiente de trabalho, começou a existir e ser mais claro nas pessoas.

No IFBaiano não percebia esses comportamentos. Na sala em que estudava até desconfiava de alguns colegas, mas eles não se assumiam. Atualmente vê muito mais preconceito nas Igrejas. Muitos colegas que frequentavam sua igreja, a Batista, saíram depois que se assumiram. Hoje não frequenta mais, nem a namorada e nem sua mãe. Por quê? Porque tudo era do demônio. Quando um amigo que fazia parte do ministério, se assumiu homossexual, fizeram uma reunião decidindo que não era pra falar com ele, que não era pra seguir na rede social, que era pra se afastar totalmente do rapaz. Depois disso, todo mundo da família saiu da igreja.

Sua paixão é a moda, expressa ainda de forma tímida, mas tão marcante que não é possível se imaginar sem ela. Sua atitude é moderada. Seus movimentos tranquilos, mas seu olhar e projeção de futuro são muito intensos. Para os estudantes que agora estão no IF aconselha ter calma, não ter pressa, estudar, buscar o conhecimento. Para aqueles da comunidade LGBT, pesquisar vivências para ver em qual delas você se encaixa. Em relação a se assumir, que é uma coisa bem mais complicada, fala que por mais medo que se tenha, pelo menos para seus pais fale, independente da reação, se for uma reação negativa, por fora você ainda vai ter gente que vai te apoiar. Você não está sozinha.

E as amizades né. Entender muita coisa, além da relação com a agroecologia, em relação ao mundo, sabe... porque eu vivi...

Ter contato com diversos tipos de pessoas, para mim foi incrível. Foi uma escola diferenciada.



... Eu tinha um pensamento muito fechado em relação a tudo e o “IF” me trouxe informações, me trouxe conhecimento, né... e relação ao preconceito também, eu tinha... parece que eu era preconceituosa em muita coisa, mas me abriu muito a mente.



(AUTO)BIOGRAFIA 7

INDICAÇÕES TEMÁTICAS



Filmes interessantes...

X □ -

- PRISCILA, A RAINHA DO DESERTO (1994)
- COCO, ANTES DE CHANEL (2008)

< >

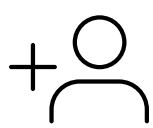


Para se divertir....

X □ -

- Pocket Show completo de Pablio Vittar na posse de Lula

< >

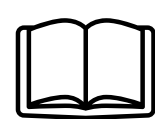


Para seguir...

X □ -

- @queerlivros
- @gloriagroove

< >

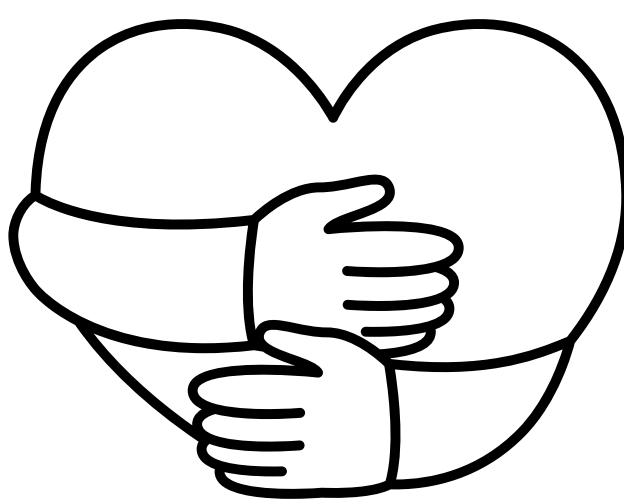


Para leitura..

X □ -

- ZAPATA, N; OLIVEIRA JR, N. H. Design de moda e cultura Queer: o devir-drag como expressão de gênero. Revista D.: Design, Educação, Sociedade e Sustentabilidade, Porto Alegre, v. 9, n. 2, 80-91, 2017.
- Guardei no Armário – Samuel Gomes

< >



(AUTO)BIOGRAFIA 5

Diversidade Sexual e Ruralidades

Ele entrou no IFBaiano no ano de 2017, meados de março. Fez o curso de Agroecologia, indicado pela professora de matemática do ensino fundamental. Começou estudando o Ensino Médio no curso de agropecuária no Centro de Educação Profissional, em Araci. Mas não durou nem 15 dias. Fez a seleção do IF, foi aprovado e não pensou duas vezes. Na família foi aquele alvoroço. Sobrinho, primo, a mãe... todos orgulhosos porque ele iria em colégio federal, totalmente de outro nível!

Criado na roça, então o curso de agroecologia lhe pareceu uma escolha natural: sempre gostou de estar no meio da plantação, de cavalos, se sentia bem, era seu habitat natural. Hoje, precisa conectar-se duas ou três vezes por semana com a roça. Quando isso não acontece, vem o desleixo da semana toda! Falta algo.


Saiu o Semeador a semear
Semeou o dia todo
e a noite o apanhou ainda
com as mãos cheias de
sementes.
Ele semeava tranquilo

Mascarados

sem pensar na colheita
porque muito tinha colhido
do que outros semearam.
Jovem, seja você esse semeador
Semeia com otimismo

Semeia com idealismo
as sementes vivas
da Paz e da Justiça.

Cora Coralina



Para se entender homossexual foi uma escada muito longa e dramática. Logo no início, se debateu com a aceitação familiar, por conta da criação superconservadora. E olha que a família é grande! No entanto, vínculo mesmo é com a mãe, que é uma pessoa a quem tem respeito, admiração e levará para toda vida. Assim, ser o primeiro parente gay assumido na família foi um impacto. Mesmo para sua mãe, pois veio o medo da reação das pessoas, foi um desafio pessoal pra ela.

No início, esse medo levou-a a conversar com ele e dizer que era coisa de sua cabeça, que isso iria passar, era só uma fase. Via muito assassinatos e histórias assim contra os gays.

Depois que assumiu namoro foi um falatório na cidade, não foi fácil para ela: Ai, já viu o filho de Sandra? Tá namorando outro homem, vai ser bichinha. E ela falou para mim “e agora?” Uhummm...tranquilamente respondeu: Minha mãe, pergunta a vizinha quanto

foi que custou minha primeira fralda? É muito desaforo...não levaria em conta a opinião de pessoas que não tiveram um ponto de agulha na vida dele. Com sua atitude, a mãe foi aos poucos se fortalecendo.

Da parte do pai não tinha tanta ligação, muito vínculo. Sempre foi uma relação distante, pai ausente, uma pessoa que cumpria com as obrigações com muito esforço. Mas para sua surpresa, depois que assumiu ser um homem gay, mais ou menos um ano depois, sua irmã se assumiu lésbica. Para a mãe foi outro choque, porque ele conversa mais, já a irmã chegou logo de cara disse: mãe, sou assim! Gosto de mulher.

Foi um pé guerra. Agora mesmo tem rolado um estresse familiar. Sua irmã depois de um tempo assumida e vivida sua transição, se auto reconhece como lésbica desfeminada. Um choque para a família e pessoas próximas de mente fechada. Ela também quer trocar o nome, no entanto muitos não aceitam e ficam chamando-a pelo nome antigo.

Certa feita, a família estava reunida em um churrasco e um tio falou o nome dela completo. Ela pediu para que não a chamasse dessa forma e ele retrucou dizendo que não iria chamar como ela queria. Foi motivo dela sair do churrasco. Certíssima! Ninguém precisa ficar em local tóxico. No momento, ele não estava presente e quando chegou o comentário rolava solto. Precisou falar que ela estava em um processo de transição e questionou: se as pessoas de fora a estão aceitando, por que os de dentro não estão? Isso é sinônimo de que vocês não a aceitam como pessoa. E se vocês não a aceitam como pessoa, claramente também não me aceitam... e também se retirou da reunião familiar.

Em outra ocasião o tio voltou a chamá-la pelo nome completo. Ela ficou meio abafada, pois quando se estressa fala um monte de palavrão. Em defesa de sua irmã, em sua elegância disse: “Tio, se o senhor não quer perder dois sobrinhos, uma irmã e vários outros sobrinhos, porque eu faço um inferno, por favor chama o nome dela. Respeito acima de tudo. Então, por que o senhor insiste em chamar ela por esse nome? Se ela não gosta, ela não quer, então é uma coisa de respeito, respeita a decisão dela”.

Para sua irmã, apoio total. Ainda bem que ela tem as redes sociais e os amigos para desabafar e encorajar outras pessoas que passam pela mesma situação. Sempre lhe diz para ter mais força, ter coragem, e principalmente, saber lidar com a vida. “Qualquer coisa estou aqui, pode contar comigo, desabafar comigo, trocar ideia comigo, mas só que não se prive, eu estou aqui pra qualquer coisa”. E olha que quando eram crianças, um não suportava a cara do outro, só viviam brigando. Coisa de irmão!

Hoje, ele e a mãe são adeptos de religião de matriz africana. Primeiro ele entrou na religião, depois ela. No início, de novo, ela teve medo da opinião das pessoas. Mais uma vez utilizou seu “mantra” com ela: pergunte o quanto de agulha que eles têm na costura da minha vida. As pessoas tinham vergonha de comentar em sua frente, por receio da língua afiada que tem Fala mesmo, doa a quem doer. Guarda ótimas lembranças do tempo do IFBaiano, particularmente das viagens que a turma fazia para

participar de eventos. Era muito bom, conhecer outras pessoas e lugares. As aulas práticas também eram maravilhosas e contributivas, mesmo ele já estando na roça e sabendo fazer algumas coisas, aprimorou mais o conhecimento. Também guardava carinho pelas pessoas – professores, colegas e servidores.

Não gostava das provas de física e das decepções amorosas que sofreu lá. Lembra de uma paixão tão intensa e profunda, logo quando entrou no IF. Coisa criada na cabeça dele, sofreu muitoooooo. Depois, se curou de forma rápida e surpreendente. Seu primeiro amor! Viu que era assim, acabava se frustrando no amor e, então, da mesma forma que se apaixonava rápido, se desapaixonava mais rápido ainda.

Depois que se formou, passado um tempo, foi ao IF. Encontrou um professor que disse: seja bem-vindo de volta à sua casa. Respondeu que não se sentia mais em casa. Conversou com outras pessoas para saber se não era uma coisa de sua cabeça, afinal o IF ainda estava no mesmo lugar. No entanto, o sentimento foi diferente, ao mesmo tempo uma coisa nostálgica, muito boa, mesmo estando mudado, foi lembrando de coisas que aconteceram por ali, de situações boas ou ruins, conversas e emoções passadas naqueles corredores.

O IF foi uma escola especial para ele. Entrou uma pessoa e saiu totalmente diferente. Porque além do aprendizado com a teoria, você tem vivências, conhece outras pessoas com culturas distintas. O que muda o estudante é isso! Em sua opinião o IF é uma escola totalmente inclusiva. Porém, a escola tá lá pra qualquer pessoa, o que faz essa escola ser acolhedora, são as pessoas que ali dentro. Então, as instituições são moldadas conforme os seus funcionários, os seus contribuidores. Fala assim mesmo: contribuidores, porque era tratado de uma tão gostosa, que não eram apenas funcionários.

Inclusive, o serviço de psicologia, foi muito importante para ele, em sua estadia no IF. Em sua sala vários colegas precisaram e tiveram esses apoios. Muita coisa mexia com a emoção deles: as descobertas, o ritmo puxado de estudos, as dificuldades financeiras, enfim e estar junto de um profissional que poderia orientá-los, de uma forma que eles pudessem, emergir com uma nova situação era muito importante.

Depois de formado, não foi trabalhar com agroecologia por conta da pandemia. Porém não ficou parado... ainda quando estudava, trabalhou como garçom e hoje trabalha como comerciante e tem seu próprio negócio. Por isso, por vezes a questão da homossexualidade fica um pouco retraída, por conta da resposta das pessoas. Como bota a cara na rua vender produto e serviço, busca manter sempre relação comercial, sem muitos vínculos, não precisa ficar enchendo o saco por conta disso. Nunca se sentiu discriminado por sua orientação sexual no trabalho.

Pensa em morar fora de sua cidade, pois precisa cortar o cordão umbilical, porque precisa crescer como pessoa, precisa conhecer outros lugares. Abranger mais o habitat da gente e se conectar com outros. Mas não expõe seus planos futuros. Os planos são moldados por Deus. Hoje tem uma relação, um companheiro amoroso, e criaram um laço muito forte com a vida. Para além disso, é como se fosse uma alma gêmea.

Agora de uns tempos pra cá, que eu estou criando um pé de guerra. Como é que é esse pé de guerra? Minha irmã depois de um tempo assumida, ela passou por uma transição, ela é lésbica desfeminada.

É uma coisa maravilhosa, eu tô querendo abrir minha mente pra poder aprender também.



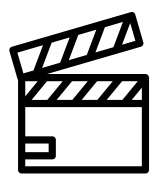
Porque assim, quando você se cria, quando a gente se vê como pessoa e olha pra trás, você poxa realmente eu não era aquela pessoa, então você molda aquele olhar, poxa vou ser melhor assim.

E aí ela pintou o cabelo, um choque pra família, ela mudou a forma de se vestir, ficou top, adorei!



(AUTO)BIOGRAFIA 7

INDICAÇÕES TEMÁTICAS



Filmes interessantes...

X □ -

- O SEGREDO DE BROKEBACK MOUNTAIN (2005)

< [] >

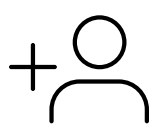


Para se divertir....

X □ -

- Assistir ao documentário: TODO MUNDO VAI SABER- O DOCUMENTÁRIO (2017)

< [] >

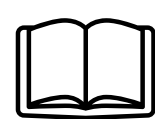


Para seguir...

X □ -

- @redelgbtpe

< [] >

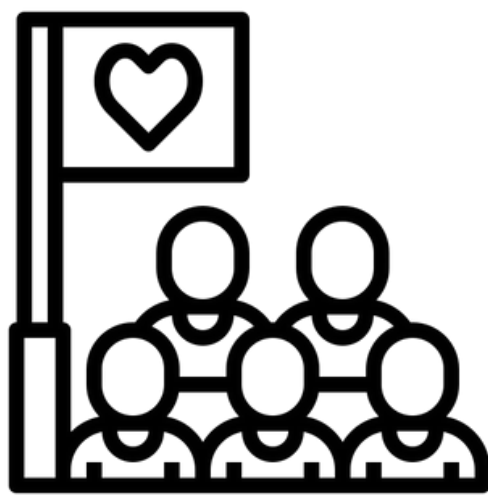


Para leitura..

X □ -

- FERRARI, A.; COUTO DE VIVEIROS BARBOSA, J. G. Homossexualidades masculinas e cidade pequena. Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/6550>. Acesso em: fev./ 2023.
- Rumores da Cidade – Lucas Rocha

< [] >



(AUTO)BIOGRAFIA 6

A força do empreendedorismo lésbico

A entrevista aconteceu em meio aos atendimentos na cantina e já vão avisando que é sempre um prazer ajudar a apoiar as causas. Fala de quem já tem consciência de seu papel político e a importância de sua existência. Situação inusitada, pois foi preciso conversar com as duas ao mesmo tempo, devido ao corre-corre do trabalho delas. Duas mulheres lésbicas e um casal parceiro nos negócios, que trabalham no ramo da alimentação.

Fizeram o curso de agroindústria no IFBaiano, oferta do Proeja, curso noturno, logo quando o curso foi instalado. Foi na luta que conseguiram realizar o curso, pois como o IF estava no início, não tinha transporte escolar, não havia cantina, era só aula e minis, não tinha ministrada por três professores apenas, pois o quadro não estava completo. Ah sim, nem lousa havia!

Mas isso não tirou o ânimo dos estudantes, ao menos dos que permaneceram, cerca de 22 sobreviventes. As duas cursaram juntas, uma incentivando a outra, pois já namoravam quando foram estudar no IF. Uma delas estava afastada dos estudos há algum tempo, mas resolveu voltar por incentivo da companheira. Se inscreveu nos últimos momentos.

Já a outra descobriu a instalação do IF na cidade, por um acaso. Ou por obra de Deus! Ela estava na página do seu Facebook, aí do nada apareceu o IFBaiano com inscrições abertas. Aí se interessou! No início pensou que não teria a menor chance, pois acreditou que iria lotar, um Instituto Federal, ensino de qualidade...enfim. Não pôde ir no mesmo dia, pois já tinha compromisso, mas no dia seguinte logo cedo levou os documentos para a inscrição. Achava que teria fila, mas poucas pessoas se apresentaram e ainda havia vagas. Saiu chamando os amigos e claro, a companheira.

Então, a vida das duas é assim, uma correria, mas sempre em parceria. Elas vencem as dificuldades transformando a situação com criatividade. Tanto que, após entrarem no IF, vendo que não havia cantina, começou a vender lanche para as pessoas da sala. Fizeram isso ao longo de todo o curso. Que por sinal, foi assegurando aprendizagens essenciais para melhorar o fornecimento de lanches: manipulação de alimentos, higienização e uso de equipamentos de segurança.

Depois que se formaram, abriram um MEI e já que não tinham acesso interno ao IF para vender os lanches, ficaram vendendo na entrada do Instituto. Abriam o carro e vendiam do lado de fora. Tornaram-se mais conhecidas ainda pelos alunos. No entanto, almejavam a cantina do Instituto. Passaram um ano vendendo do lado de fora, até que, finalmente, depois de muita vibração positiva e orações, conseguiram a cantina do IF.

Por tudo o que vivenciaram no IF guardam lembranças maravilhosas. Não lembram de coisas ruins, ao contrário acreditam que o acolhimento lá era diferenciado por parte dos professores e servidores. Elas e a turma não contavam com a estrutura atual do IF, principalmente o serviço de apoio psicológico, mas tinham professores que as encorajava, as empoderava dizendo que aquele espaço era delas, para não ter vergonha de estarem lá. Isso reforçou as formas de agir, a compreensão do exercício de direitos, a necessidade de comunicar suas existências. Foi aprendizagem para toda a vida!

Para elas, sua turma formou um grupo que se fortaleceu enquanto comunidade. Os meninos gays eram mais ativos na defesa dos direitos. As lésbicas estavam em menor número, eram mais “recatadas”. Mas todo mundo se defendia, ninguém estava sozinho. Hoje elas olham os estudantes do IF e percebem a angústia de alguns sobre a questão da orientação sexual. Alguns confidenciam para elas, afinal “as tias da cantina” são muito legais. Já teve aluno que chegou perguntando se o que é conversado com a psicóloga é contado para a mãe ou pai, preocupados com o que foi revelado. Acreditam que os estudantes reconhecem que elas são lésbicas e se sentem à vontade para conversar sobre esse assunto.

Lembram dos seus próprios processos de descoberta e assunção. Nada fácil! Uma delas foi se descobrindo ainda na adolescência, em verdade na infância já percebia algumas diferenças: só queria brincar com os amigos do meu irmão, a avó chamava pra brincar com a vizinha e ela não queria, se escondia. Não queria brincar com brincadeira de menina, queria brincar com os meninos. Na adolescência começou a olhar a amizade feminina com outros olhos, era mais atraente estar num grupo de meninas do que já estar num grupo de meninos. Aí sempre queria ficar junto com as meninas, porque no grupo tinha uma pessoa que você tinha um sentimento a mais, então foi observando isso, achando um pouco diferente, mas também ainda não sabia.

Morava com a avó e o irmão e ser lésbica era um tabu. Curtia paixãozinha pela professora, mas namorava com meninos. Não sentia com eles o que sentia pela professora. Aos dezoito anos, fez concurso para a prefeitura do município vizinho e foi aprovada. Assim, com emprego na mão, finalmente teve coragem para “botar a cara na tela” e assumiu para a família que gostava de mulheres. Infelizmente, sua avó faleceu antes desse processo. Sua mãe teve dificuldade de aceitar no início, mas hoje aceita de boa e inclusive mora com as duas.

Já o processo da outra foi mais longo. Sempre teve convívio com pessoas hetero. Também teve relacionamentos com homens, namoricos bestas, mais até por amizade do que por gostar. Acabou conhecendo uma pessoa, não era jovem e com ela manteve uma

relação mais forte. Foi então que percebeu o que realmente queria. Depois de algum tempo, terminou a relação e encontrou sua parceira e foi através dela que veio a ter um relacionamento mais consistente, uma vinculação maior.

Em casa, assumiu na cara e na coragem. Sua família, inclusive seu irmão gêmeo, que alertou sobre essa questão, chamando a atenção de quem saía muito com uma moça, só vivia com ela para cima e para baixo. Quando a desconfiança aumentou, resolveu assumir para todo. Chegou no café da manhã, estavam a mãe e uma irmã e ela se abriu. Resistiram um pouco à ideia, mas não maltrataram, não xingaram, não tentaram convencer do contrário. Com tempo foram aceitando e hoje o convívio é ótimo, sempre que possível saem, vão para festas e viajam em família.

O importante é que nesse período, conheceu várias pessoas da comunidade, tanto homossexual masculino, como feminino. Antes não teve essa convivência. Buscou conviver porque queria se descobrir e perceber o mundo ao qual pertencia. Foi muito bem acolhida, recebeu conselhos sobre resistência, pois o preconceito era muito grande esse não resistisse, seria difícil suportar.

Vencidos esses desafios, hoje a relação das duas é respeitada, inclusive no trabalho. Os estudantes reconhecem e são tratadas com carinho e respeito. Sobre o futuro, pretendem continuar a trabalhar com alimentação, tocar o negócio e fortalecer a atividade.

Estão com um carrinho de açaí no centro da cidade e pretendem em breve fornecer alimentação no refeitório. Querem voltar a estudar daqui a algum tempo, mas por enquanto vão tocando o negócio e buscando aproveitar o que há de bom na vida. Viajar, resistir e trabalhar em parceria, lutando juntas. Com amor!

Aí eu vou ter que falar, não tem jeito. Aí eu cheguei no café da manhã assim... estava minha mãe que também já é idosa, ela já tem 92 anos, uma irmã que mora comigo e só, esse meu irmão gêmeo mora em Feira, não estava, aí eu aproveitei e falei.

Mas aí quando eu resolvi me assumir, falar dentro de casa, quer dizer não fui eu que falei, foram os próprios irmãos que começaram: “ah você tá andando muito com essa menina”, começaram a indagar.



Você vê caras e bocas mas ninguém chegou pra mim “não você não vai ficar em casa”. Não abraçou mas também não isolou, não colocou pra fora, aí depois no convívio a gente vai melhorando vai mostrando quem é o seu caráter, porque independente do que você seja, não importa e vai melhorando e hoje tá...

a gente sai, a gente viaja, tá em festa.

Então eu tinha começado a trabalhar, eu me sentia mais encorajada de me assumir depois que eu consegui meu emprego, porque eu já teria minha responsabilidade, já poderia me assumir, porque tinha a questão do tabu,

a questão da minha avó, por ser uma senhora de idade e lá na minha casa nunca tinha ouvido falar em homossexual, homossexualismo e tal.



Se bem que minha avó ela sempre brincava comigo, ela me chamava de viada, porque eu dormia com ela e eu gostava de dormir com a mão aqui no peito dela, aí ela falava assim brincando, (...) eu só dormia com a mão no peito dela ou então com ela batendo na minha nuca.



(AUTO)BIOGRAFIA 7

INDICAÇÕES TEMÁTICAS



Filmes interessantes...

X □ -

- AZUL É A COR MAIS QUENTE (2013)
- CAROL (2016)

< >

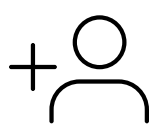


Para se divertir....

X □ -

- Turismo para gays e lésbicas: uma viagem reflexiva – Luciano Amaral Oliveira

< >

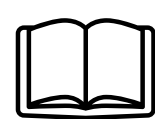


Para seguir...

X □ -

- @orgulholesbico.ofc

< >

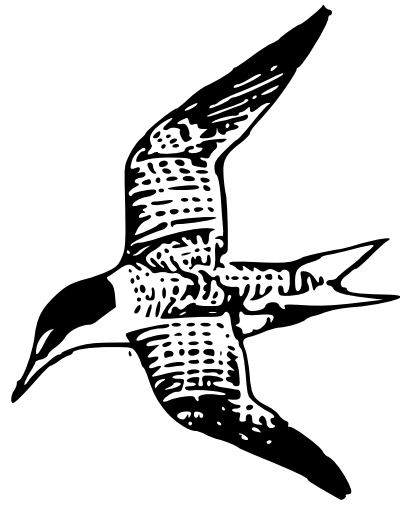


Para leitura..

X □ -

- O dia para desafiar a invisibilidade lésbica na mídia e na sociedade.
<https://www.cartacapital.com.br/blogs/intervozes/o-dia-para-desafiar-a-invisibilidade-lesbica-na-midia-e-na-sociedade/>
- A cor púrpura – Alice Walker

< >



(AUTO)BIOGRAFIA 7

Juventude e a leveza de ser

Ser jovem nos dias de hoje não é fácil! Se no passado a juventude estava relacionada à rebeldia e questionamento, hoje a ideia de juventude está envolvida por uma série de questões, que abrangem desde a diversidade de comportamentos e identidades, tocando na virtualidade e rapidez de informações, desembocando finalmente na responsabilidade de pensar o mundo numa perspectiva de desenvolvimento sustentável. Por isso, é tão necessário falar em juventudes, demarcando toda a polissemia do conceito.

Ao falar de suas experiências, no entanto, o nosso entrevistado não parece carregar o peso das responsabilidades e cobranças sociais que são feitas para sua idade. Com 22 anos traz a leveza daqueles que querem viver experiências como elas se apresentam e sugar o que há de melhor nelas.

Estudou agroecologia. Entrou no IFBaiano não foi nem pelo curso, mas por ser uma instituição federal. Em verdade, muitos de seus colegas da época pensaram da mesma forma: que o IF, sendo uma instituição federal, tinha um ensino médio de qualidade.

Foi sem saber nada, nada... no escuro, apenas sabia que era IF e pronto. Não sabia nada do curso, não tinha ideia do que iria trabalhar, nada, nada... Achava que era uma coisa, mas nunca nem chegou a pesquisar sobre. Com o passar do tempo é que foi criando afinidade com as matérias do curso.

Sua família adorou a ideia. Quando falou que iria estudar no IF, apoiaram totalmente. Contou com esse apoio ao longo de todo o curso, o que foi fundamental já que a prefeitura do município onde vive não disponibilizava transporte de ida para Serrinha, só de volta, então era preciso arcar com transporte. O auxílio do IF também era muito concorrido, assim sua família cobriu essa parte, para que ele se concentrasse nos estudos.

Esse apoio também foi fundamental quando resolveu assumir que era gay. Uma longa história, porque vinha de uma família tradicional. Criado meio preso, aos poucos é que foi se abrindo, mas foi no IF que se descobriu de vez.

Foi fácil? Não....alguns conflitos, mas hoje, definitivamente são águas passadas. Mora com os pais, um irmão e uma irmã. A relação com sua família é muito boa.

Olhando para trás, não se lembra de ter chegado um dia e falado para sua mãe ou pai e dito: sou gay! Foi vivendo, eles observando o que ele queria. Não foi um processo simples, se sentiu sozinho algumas vezes, mas com o tempo percebeu que eles tinham muito medo de como a sociedade iria tratá-lo, de como os amigos iriam agir com ele. Era mais um sentimento de proteção e não preconceito com sua orientação sexual.

Como mora em uma cidade pequena, compreendeu que esse comportamento da família era aceitável, pois no interior as pessoas são mais conservadoras. Se bem que, percebe que tem muito LGBTQIAP+ em sua cidade e nunca presenciou situação de preconceito. Claro que tem gente que fala, mas na presença dele não e não daria ouvidos. Vencido o primeiro susto, hoje sua família é super de boa.

No IF sempre foi acolhido. Lá sempre pôde ser quem era, sem ter receio de ser julgado. Chegou a cursar o primeiro ano do Ensino Médio em outra escola, no entanto o acolhimento não chegava aos pés do que encontrou no IFBaiano. Foi a melhor experiência de sua vida, não se arrependeu de repetir um ano. Sua turma era muito unida, apenas uma figura destoava do grupo famoso hetero, misógino, homofóbico que tecia comentários, mas não se espalhava muito porque senão ouviria. Ele desistiu do curso!

Recorda da tensão no período de avaliações, que gerava muita ansiedade nos alunos e não era legal. Chegava essa época e o povo só faltava surtar, porque era muito puxado em relação a isso. E o serviço de psicologia lá era mais focado para isso mesmo, não dava suporte para outros tipos de atendimento. Querendo ou não, o IF era puxado e os alunos acabavam sofrendo de ansiedade e outros problemas, inclusive depressão. Ele sofria de muita ansiedade no período de provas. Além disso, na época o IF não contava com uma infraestrutura boa, não oferecia muito além do que as salas de aula. Depois de sua época o IF passou por reforma e agora tem mais áreas de lazer e até quadra. Isso é importante, principalmente para a galera do período integral, que ficava lá o dia todo sem ter muitas opções do que fazer, além de assistir aula.

Apesar da vivência desses períodos tensos, as lembranças boas são muito superiores. Lembra dos eventos no IF, que eram particularmente especiais: os Seminários sobre o Sisal (Território) e o Catingarte, grupo de teatro do IF, as aulas práticas, os grupos de estudos, o Grêmio Estudantil, que tinha a Comissão LGBT.

Na realidade, a questão da Diversidade sempre foi muito bem trabalhada, inclusive com realização de eventos. A participação no grupo de teatro do IF o levou a se envolver com Arte. Ainda no IF, se descobriu bailarino, pois ela não gostava de dançar, odiava dançar! Mas teve um evento para o Dia da Mulher, em que a professora de Artes botou os alunos para aprender uma coreografia. Foi aquela música Dona de mim, de Iza. A partir daí começou a pesquisar mais sobre dança acabou gostando, foi fazer balé e hoje já está dando aulas e dois estúdios de dança e pensando em montar uma companhia de dança. Gosta mais do jazz contemporâneo que do balé.

Além da dança, trabalha também com Fotografia. Antes de entrar no IF, em 2015,

participou de um projeto promovido pela prefeitura de sua cidade, no qual ofereciam curso de fotografia. Ele fez o curso e adorou. Não largou mais a fotografia, testando a câmera de seu pai. Em 2017, parou por conta dos estudos no IF, mas na pandemia trabalhou em um mercadinho perto de casa e juntou dinheiro para comprar sua própria câmera e continuou a trabalhar como fotógrafo.

Nunca trabalhou na área de Agroecologia e não tinha interesse em buscar emprego na área. Tanto que houve concurso para técnico em Agroecologia na prefeitura da sua cidade, pensou até em fazer, mas desistiu. No entanto, o curso técnico lhe abriu novas possibilidades. Assim, retornou ao IFBaiano para o curso superior: licenciatura em Biologia. Desde o Ensino médio gostava de biologia, ao mesmo tempo muita gente falava para ele ser dançarino. Ele sempre achou que poderia fazer de tudo um pouco... nunca cogitou ser licenciado em dança, estava mais para um hobby. Trabalhar com dança é unir o útil ao agradável, não via como profissão. Tinha gente querendo que ele desse aula e aí foi. Quando fazia Agroecologia, as disciplinas que mais gostou foram a de saneamento ambiental e botânica, então pensou em cursar engenharia ambiental na UFBA. Mas envolveria muita matemática, coisa que ele não gosta, assim, ficou com a biologia.

No final das contas, não pretende se formar no IF. Foi para lá porque já tinha feito o Ensino Médio e era o mais palpável no momento. No entanto, gostaria de conhecer novos lugares e pretende se transferir para a UFBA, em Salvador. Vai cursando Biologia em Serrinha, está no terceiro semestre, aí quando chegar em Salvador pretende pedir aproveitamento de disciplinas e participar de projetos de pesquisa. Isso o IF também lhe ensinou, pois sempre gostou de participar dos projetos de pesquisa e extensão do IF. Assim tem planos de se envolver com pesquisa e extensão quando entrar na UFBA e como já terá experiência no currículo, acredita que terá maiores possibilidades de ser selecionado em nos projetos de Biologia.

Não vê sua orientação sexual como um empecilho e isso deve muito ao IF. Afirma categoricamente que foi a melhor escola, a melhor experiência de sua vida, sua melhor fase e se eu pudesse, voltava pro ensino médio de novo. Para os que estão entrando no IF agora diria para os estudantes se jogarem, para não terem medo, porque ele teve medo, mas o IF não está lá para julgar, pelo contrário o IF pode ser bem acolhedor. É uma experiência única, que pode ser puxada para os estudos, exigir muito, mas no final vale muito a pena. E o que importa é a experiência e o fortalecimento. Por isso, acredita que pode muita coisa, inclusive ser biólogo, dançarino e fotógrafo, mas principalmente ser feliz!

É isso...Durante a minha descoberta eu já cheguei a me ver muito sozinho em relação aqui em casa só que com o tempo eu fui vendo que não era mais preconceito, era mais medo de como a sociedade iria agir comigo, entendeu?

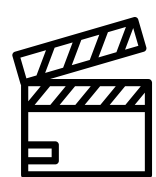


É... eu lembro que minha mãe tinha muito medo de como meus amigos iam reagir em relação a mim, mas quando perceberam que era muito tranquilo foi se adaptando.



(AUTO)BIOGRAFIA 7

INDICAÇÕES TEMÁTICAS



Filmes interessantes...

X □ -

- BILLY ELLIOT (2000)
- ME CHAME PELO SEU NOME (2017)

< [Progress Bar] >

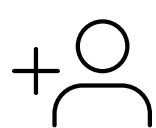


Para se divertir....

X □ -

- O MEU AFETO TE AFETA? Famílias Homoafetivas no Brasil (LGBT+) | Documentário
- Maratonar: Manhãs de Setembro, série disponível na Amazon, com Liniker.

< [Progress Bar] >

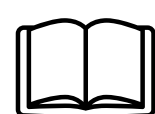


Para seguir...

X □ -

- @linikeroficial

< [Progress Bar] >

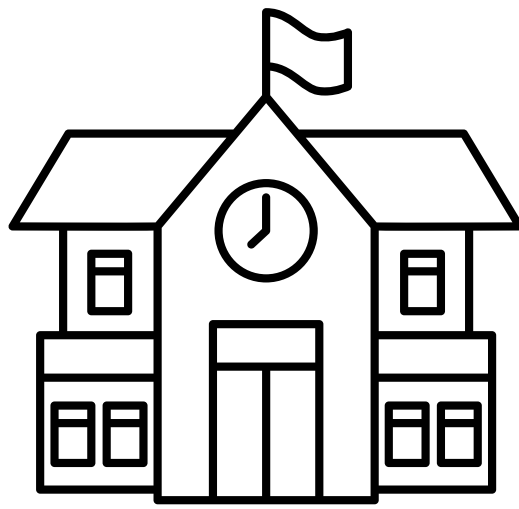


Para leitura..

X □ -

- Rompendo Silêncios: Escrevivências Sobre as Trajetórias Escolares das Juventudes Negras e LGBTQI+. Autores: Cirlene Sousa, Marcos Silva,, Mauro Pena, Adriana Pimentel, Pedro Gonçalves, Júlia Fernandes, Denise Prado,

< [Progress Bar] >



O IFBAIANO

E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA UMA ESCOLA DIVERSA: ALGUMAS REFLEXÕES

Os relatos dos egressos e egressas do Instituto Federal Baiano – IFBaiano, Campus Serrinha, dão a dimensão do que foi vivenciado por eles no período de 2016 a 2019. O IFBaiano na visão dos entrevistados cumpre sua missão: “Oferecer educação profissional e tecnológica de qualidade, pública e gratuita, nas diferentes modalidades, preparando pessoas para o pleno exercício da cidadania e contribuindo para o desenvolvimento social e econômico do país, através de ações de ensino, pesquisa e extensão”.

Sobre a formação técnica e formação básica, os egressos reconhecem a qualidade do ensino ministrado pelo Instituto, ressaltando o trabalho dos professores tanto das áreas de conhecimento geral como dos componentes profissionalizantes. O IFBaiano é uma referência de formação para os jovens da cidade de Serrinha e municípios circunvizinhos.

Em relação aos egressos pertencentes à comunidade LGBTQIAP+ o IFBaiano, na opinião dos participantes da pesquisa, é um local diferenciado no acolhimento. É um local que promove relações de respeito e solidariedade entre os adolescentes, ajudando-os a compreenderem sua sexualidade e definirem sua orientação sexual. Os grupos formados no período constituíram-se espécie de “porto seguro”. Obviamente, que reconhecem a necessidade de melhorias acerca da questão da abordagem e tratamento da diversidade, particularmente quanto à atuação e/ou implementação dos Núcleos de Estudos, à exemplo do GENI (ainda não foi formado no Campus Serrinha).

No entanto, reconhecem que professores e funcionários têm sensibilidade para a questão da diversidade. Seus maiores enfrentamentos, inclusive, foram observados fora do IF: na família, comunidade do entorno de onde moram, no trabalho. A escola para eles era onde se fortaleciam para os enfrentamentos externos. O IF é lembrado com carinho, espaço de autorreconhecimento e troca de vivências, promovido pelos discentes, como também por um grupo de professores extremamente acolhedores e comprometidos com a formação crítica existencial desses jovens.

Sobre a formação técnica, no entanto, um ponto nos parece precisar ser avaliado pelo IFBaiano – Campus Serrinha, considerando o recorte temporal da passagem dos egressos pela instituição: em se tratando de cursos de formação técnica, nenhum dos entrevistados exerce atividades diretamente relacionados à formação obtida no IF. Alguns até tentaram conseguir emprego na área, outros conseguem fazer relação entre as atividades que exercem hoje e os estudos realizados, todos reconhecem a importância do curso para a sua vida, mas nenhum do entrevistados atua como técnico em suas áreas de formação.

O IFBaiano é uma reconhecida instituição de Ensino Médio e Superior, que oferta Educação Profissional e Tecnológica. Conforme PDI (2015-2019) da instituição sua Missão é “Oferecer educação profissional e tecnológica de qualidade, pública e gratuita, nas diferentes modalidades, preparando pessoas para o pleno exercício da cidadania e contribuindo para o desenvolvimento social e econômico do país, através de ações de ensino, pesquisa e extensão. Sendo esta sua missão, através dos relatos obtidos, a oferta de EPT acontece, com qualidade, no entanto não ocorre absorção dos estudantes no mercado de trabalho.

Há que se pesquisar sobre a relação entre formação e absorção dos egressos no mercado de trabalho local. Conforme relatos dos entrevistados, essa não absorção não ocorria devido à questão da orientação sexual. Dessa forma, para os participantes da pesquisa, o IFBaiano promoveu uma escolarização ampla, de qualidade, focada no ensino técnico, mas ainda assim o mercado de trabalho não os absorveu.

De qualquer modo, todos reconhecem que a instalação de um Instituto Federal em Serrinha é um marco para a educação do município, com possibilidades de grandes contribuições para o desenvolvimento do Território do Sisal, não somente pela possibilidade da formação técnica, mas como possibilidade de qualificar a educação da região como um todo, incentivando a juventude a ampliar horizontes e expectativas de em sua formação acadêmica. Não à toa, todos os participantes pretender dar continuidade aos estudos, pelas perspectivas que o IFBaiano lhes mostrou e também por reconhecerem, que para a comunidade LGBTQIAP+, estudar é uma forma de melhor se preparar para lutas e desafios futuros perante a sociedade.

COLORLIVRO

*Narrativas de Egressos LGBTQIAP+ do
Instituto Federal de Educação Profissional
Baiano – Campus Serrinha*



AUTOR
DAVI SILVA DA COSTA



AUTOR
VIANI DA SILVA SOARES



REVISÃO E DIAGRAMAÇÃO
GUSTAVO FERNANDO FRANÇA MENEZES

PROJETO GRÁFICO
CAMILLA SOARES MEIRA



**PROIBIDA A REPRODUÇÃO TOTAL OU PARCIAL
DESTA OBRA SEM PRÉVIA AUTORIZAÇÃO.**

2023